



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

MAPAS EM PRETO E BRANCO

Sebastião Rafael Inacio da Cruz

Mestrado em Geografia - PPGG/UFES (Bolsista Capes)

sebastiaoric@gmail.com

Mayara Perinni de Aguiar

Mestrado em Geografia - PPGG/UFES

mayaraaperinni@gmail.com

Resumo

Neste texto experimentamos a escrita a quatro mãos, de uma experiência vivida por um de nós e, agenciada pelo outro. Nos complementamos em comentários, opiniões e no processo de criação, para potencializar um gesto que, diante de outros, poderia ter passado despercebido. Falaremos sobre mapas e suas cores, ou sua falta de cores, para isso, narramos a experiência vivida em sala de aula com estudantes do sexto ano de uma escola pública. Nossa escrita para essa experiência surgiu e foi potencializada através da resposta de um estudante a uma questão de prova diagnóstica: “não gosto muito de mapas pois a maioria vem preto e branco”. Naquele momento nos pareceu intrigante pensar essa fala, o que podem os mapas em preto e branco? O que se passa entre as linhas e a ausência de cores?

Palavras Chave: Mapa; Imaginação geográfica; Experiência em preto e branco.

INTRODUÇÃO

Esse texto está organizado no formato de bloco-fragmento-narrativa. Foi um agenciamento traçado após compartilhamento individual, onde um funcionou como intercessor do outro, que, respectivamente, produziu essa escrita-composição-dupla¹. Iniciamos escrevendo na forma habitual de relato de experiência, mas no meio fomos imobilizados pelo rigor científico do padrão desse tipo textual.

Diante da liberdade criativa surgida no processo de escrever, optamos por rachar esse bloco e fragmentá-lo, as palavras fluíram. A sensação que tivemos nesse gesto é que, assim como o pensamento respira, o produto-texto também necessita respirar. Lançamos a reflexão: o ato de colocar cor nas palavras é, conseqüentemente, atribuir emoção a elas?

¹ Ambos são membros do Grupo de Pesquisa POESI/UFES - Política das Imagens Espaciais e Cartografias, que está vinculada a Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Podemos pensar desse modo, por exemplo, no padrão de escrita científica e seu desdobramento na constituição e, respectivamente, na composição textual que é em torno de uma experiência com palavras em preto rasurando um plano de fundo branco, ou seja, uma experiência em preto e branco. Ganha vida na medida que vai para a correção e, quando volta, está cheio de cores apontando as fragilidades – o que dever ser (re)feito, (re)tirado, (re)escrito, enfim, ação que visa modificar aquilo que foi feito inicialmente.

ORIGEM (DO PROBLEMA?)

Podem as cores exercer influência sobre a imaginação? Na perspectiva semiótica da linguagem imagética certamente sim. Esse questionamento foi feito por um estudante numa avaliação diagnóstica para as turmas de 6º ano, cuja pergunta era “Quais são os elementos de um mapa?”. Essa pergunta, por si só, já representa a sua força e diz muito em si mesma. Se pensarmos na sua motivação, teremos pistas de reverberação dos currículos escolares e da formação dos professores específicos da área de geografia ou de formação pedagógica, como requisito mínimo do saber cartográfico necessário, na qual alguns denominam como ação (e campo) da alfabetização cartográfica.

A questão, mencionada anteriormente, não foi compreendida pelos estudantes a priori. Ao elaborar a pergunta-clichê surgiu um incômodo, tamanha a rigidez do sentido semântico da frase, e, das formas externas da escola que induzem a elaboração de uma avaliação (en)quadrada. No processo de formulação, foram seguidas as orientações dadas pela equipe pedagógica, por isso a justifica-se a pergunta fechada.

No encontro em sala de aula, na explicação da pergunta, muitos expuseram suas dificuldades de interpretação. Então foi sugerido uma leitura que adotasse uma postura-visão mais flexível e menos engessada, rachando a frase e vazando para outros sentidos como: “o que eu faço quando estou diante de um mapa?”. A provocação continuou, dizendo que essa imagem-mapa-experiência poderia advir de livros didáticos, avaliações, jogos digitais e físicos, redes sociais, entre outros.

No primeiro momento essa avaliação diagnóstica foi banalizada, pois supostamente eles não saberiam muita coisa referente ao conteúdo programático do ano anterior, quando experienciamos um ano letivo atípico. No ano de 2020, em fevereiro, as aulas iniciaram normalmente com encontros presenciais, e após aproximadamente um mês e meio, em meados de março, as aulas foram suspensas, inicialmente por quinze dias, como medida de quarentena para frear a circulação do vírus SARS-CoV-2 (coronavírus ou covid-19), que naquele momento foi declarado como pandemia. Passado esse prazo estipulado, prorrogou-se pelo mesmo período e, ao término dessa nova previsão, as aulas continuaram suspensas por tempo indeterminado.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

DESAFIOS

Os docentes que atuam no 6º ano sabem que são crianças em fase de transição social na etapa escolar. A maioria desse público inclusive são obrigados a trocar de escola, porque onde estudavam anteriormente não oferece o ensino para as etapas subsequentes, o que torna a adaptação ainda mais complicada. Além dessa situação comum, fomos atravessados por uma pandemia e, os estudantes que tiveram aulas no ano de 2020, fizeram isso de forma remota na maioria dos casos, sem o contato virtual com o professor. O contexto escolar desses anos, 2020 e 2021, é marcado pelo caos para todos os sujeitos que compõem a rede de ensino.

Em 2021, a busca de valorizar o encontro presencial para aqueles que optaram por essa forma de ensino dentro do contexto pandêmico, se fez necessário saber qual é o nível de aprendizagem do corpo discente. Para isso aplica-se uma avaliação diagnóstica, que é uma prática antiga. Ainda que seja popular no meio educacional, o contexto sanitário é novo para essa geração de pessoas, por consequência, isso deveria ser levado em consideração na técnica e abordagem diagnóstica, mas não foi o que ocorreu. Em vez de utilizar critérios de modo a perceber o que foi aprendido em casa, optou-se pelo rigor tradicional, correndo o risco de cair nas armadilhas do óbvio e, conseqüentemente, reproduzindo a lógica de avaliação-maior para verificação do que falta e não por uma a-valor(d)ação-menor, que aposta na aprendizagem inventiva do que se sabe.

O fazer docente e ação educacional é um campo de (im)possibilidades. O profissional que tem uma perspectiva rígida do pensamento, conseqüentemente a desenvolve no seu método de atuação, na qual planeja ações que visam conter o imprevisto e, caso isso aconteça, procura encontrar uma maneira para que o inesperado não ganhe força. Essa tensão entre o engessado e o imprevisto remete-nos a Preve (2020), quando ela problematiza a postura do pesquisador diante ao acontecimento do inesperado e, acolhe como questão-pensamento, ao invés de descartar/menosprezar. Diante do exposto, existe um modo de trabalhar o corpo para ser atravessado pelo inesperado e (im)possíveis?

É PROBLEMA OU POTÊNCIA?

Resolvemos compartilhar essa experiência entre professores de geografia e geógrafos. O nosso pensamento (espacial) estava inquieto com aquela resposta: “não gosto muito de mapas pois a maioria deles vem em preto e branco”, que dobra sobre uma prática tão rotineira na disciplina escolar. E os comentários proferidos pelos amigos a respeito do fato foram majoritariamente irônicos: “*Seu aluno é daltônico*”; “*Ele não é especial?*”; “*Ele não tem dislexia?*”. Isso nos dá pistas que todos optaram pela busca explicativa da resposta-sintoma. Um comentário, especificamente, nos chamou atenção. Talvez ele tenha tido acesso apenas a mapas de provas, que saem todas em preto e branco, porque os outros, que estão disponíveis na internet e em livros didáticos, são coloridos. Contudo, apostamos na perspectiva ética e política diferente, deixamo-nos levar pela questão-problema, que rachou uma prática escolar engessada, ao acarretar em fissuras nas certezas.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

É possível criar maneiras alternativas de olhar para as imagens que apresentam o mundo numa síntese de linhas, setas, fronteiras, que está no âmago dos fazeres geográficos. A impressão de mapas em preto e branco nas provas é, na maioria das vezes, uma questão de economia e não um ato intencional de manipulação, que tenha o intuito de tremer com a imaginação espacial. Uma possibilidade inventiva nesse caso seria a realização das “mesas de montagem” dessas imagens em tons variáveis de cinza (DIDI-HUBERMAN, 2018).

A questão, que antes remetia às cores, está posta agora no olhar relacional. Estamos diante da (im)possibilidade do emaranhado de linhas e sombreamentos. A vegetação e os cursos hídricos se confundem entre si. Esse modo estético de conceber as imagens as torna mais vulneráveis e expõe sua fragilidade política e ética na criação de imaginações? Quais são os limites de orientação de um mapa em preto e branco? É possível atribuir sentidos outros ao que se passa entre as linhas e a ausência de cores?

A ausência de cores não é uma situação nova na cartografia geográfica. Os mapas de curvas de níveis, blocos-diagramas, croquis, transmitem as informações apenas com linhas pretas sobre um fundo branco. Mas em sua maioria os mapas políticos, os mais bem aceitos nas escolas, são coloridos, bem delimitados e enfáticos com os elementos que serão responsáveis pela (manipulação da nossa imaginação) nossa interpretação.

Talvez a busca pela causa sintomática dos colegas da geografia, sobre a questão da cor do mapa, foi banalizar pelo fato de suas imaginações geográficas estarem contaminadas pelas políticas e pensamentos sobre o espaço, que são criados e (r)estabelecidos nas instituições escolares e acadêmicas (MASSEY, 2014; 2017). Isso alerta para o fato de pensar outras imaginações geográficas em seus produtos, assim como os ilhéus produzem um modo de orientação com mapas em relação com o corpo (GIRARDI, 2020).

CONSIDERAÇÕES: PENSANDO ALTO...

Propomos essa reflexão sobre o(s) mapa(s) em preto e branco, pois foi um acontecimento intenso e essa experiência nos forçou a (des)dobrar pensamentos e políticas espaciais, que orientam os fazeres cartográficos escolares. Também nos provocou uma postura corporal sensível diante da situação ali exposta (PREVE, 2020). Esse gesto se desdobrou na (re)flexão de possibilidades e outras questões acerca da imaginação espacial.

Qual a dimensão de afetação das cores nos mapas? Não queremos aqui responder essa pergunta, mas refletir sobre o que a sua ausência nos obriga a descortinar em nosso olhar sobre essas imagens. Pode essa ação de manipulação (que na maioria das vezes é involuntária) ser uma pista de que é possível forçar e fraturar a imaginação geográfica por um gesto simples?

Para o rigor científico, um mapa bem elaborado precisa contar com elementos considerados primordiais, como objeto de orientação, título, escala, legenda e fonte. Mas a ausência de cor, pode forçar uma postura analítica-(cor)agem, ou seja, as cores que serão



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

preenchidas entre as linhas e sombras serão pinceladas pela ação da imaginação geográfica vibradas pela vida, quando a imaginação é livre, autônoma.

Para aqueles que defendem a perspectiva da alfabetização cartográfica, que também é importante, mas não suficiente, os estudantes, que não tiveram acesso a esse tipo de conhecimento, ao traçarem o mapa da trajetória escolar em preto e branco, serão julgados por estes profissionais como se estivessem em uma postura errante.

O que para alguns é talvez uma falta para o sistema educacional, apostamos como uma postura política, ética e estética na composição de cartografia(s) com uma visão plural e poética sobre/com/pelas imagens. Arriscamos dizer que essas crianças tiveram o privilégio de não serem contaminadas pelo regime escópico cartesiano na leitura e criação de mundo.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. Disparidades: “Ler o que nunca foi escrito”. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou o gaio saber inquieto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 15 – 87.

GIRARDI, Gisele. Cartografias (in/im)possíveis: O Ilha. Punto Sur. v. 2, p. 64-74, 2020. Disponível em <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/8089/7101>;

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. GEOgraphia. v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017. Disponível em <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>;

MASSEY, Doreen. Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações. GEOgraphia, v. 6, n. 12, p. 07- 23, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477/8677>;

PREVE, Ana Maria Hoepers. ‘Habito, mas não vivo aqui’: multiplicidade, linguagens e saber geográfico. Revista Brasileira de Educação em Geografia. 2020, v. 10, no. 19. Disponível em <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/908>.